

Mateus Lincoln/Correio da Manhã



Mateus Lincoln/Correio da Manhã

Casal encontrou no cosplay uma forma de celebrar o gosto por jogos e também vencer a timidez

O Kishouraku Daiko uniu percussão e instrumentos de sopro

Dillan Alves/CIL Gama



Cosplay reúne fãs com trajes e interpretações de personagens

Mateus Lincoln/Correio da Manhã



Ami Matsue feliz ao ver que o Festival chegou a locais distantes

“A boa receptividade do público, me forçou a interagir até eu desenvolver confiança pessoal”

Amanda Soares, cosplayer

“O Bon Odori é muito importante para a vida social das praticantes, a maioria acima dos 60 anos”

Mary Kiyomi Sato, dançarina

aos cantos tradicionais, reforçou a atmosfera de celebração cultural.

O Taikô, prática milenar do Japão, reúne ritmo, disciplina e expressão corporal. A cada batida, eles transmitem não apenas técnica, mas também a força simbólica dessa tradição, que atravessa gerações. Os sons potentes do Taikô ecoaram pela escola, misturando energia e emoção. Cada golpe parecia carregar séculos de tradição, atravessando gerações até chegar ao público brasileiro. “O espetáculo sintetiza a proposta do festival: unir tradição e modernidade, aproximando culturas”, resumiu um espectador emocionado.

Cosplay: personagens que ganham vida

Outro destaque foi o concurso de cosplay, sempre um dos momentos mais aguardados. Fãs de animes, mangás e games se caracterizaram de seus personagens favoritos, disputando prêmios e arrancando aplausos.

No entanto, cosplay não é um hobby barato. Lucas Israel, conhecido também como Luke nos concursos, já participou de diversas competições e, desta vez, veio trajado de Raiden, personagem do jogo Mortal Kombat 9. Ele, em suas próprias palavras, um “CLT comum”, contou quanto foi o investimento para sua fantasia.

“É difícil estipular um valor preciso, mas só o chapéu e as abraçadeiras ficaram em torno de R\$ 950 cada. Somei tecido, tênis, leds e até máquina de fumaça. No fim, é investimento alto, mas a paixão pelo cosplay compensa”, relatou ele ao Correio da Manhã, envolto em luzes e fumaça.

Já Amanda Soares, namorada de Luke, entrou no concurso vestida de

Kitana, outra personagem do jogo Mortal Kombat. Ela comentou que começou a fazer cosplay para lidar com a timidez que carregava desde a infância — característica que se intensificou após mudar-se de São Paulo para o DF.

“Tudo começou em uma pequena festa à fantasia de família. Depois, fui a um evento de anime e gostei de ter feito cosplay. Antes, não tinha coragem de ir só. Então, levava o meu irmão comigo. Mas, passei a ter uma boa receptividade do público, que me pedia fotos e isso me ‘forçava’ a interagir. Assim, desenvolvi confiança pessoal a ponto de conseguir ir sozinha — até conhecer meu namorado”, expressou Amanda à reportagem.

Um pedaço do Japão no Gama

O jornalista André Baioff, voluntário do CIL Gama na cobertura do evento, resume o Nihon Matsuri não apenas como uma festa, mas como um gesto coletivo, que transforma o Gama em ponto de encontro entre culturas. Ao mesmo tempo em que honra os antepassados com o Bon Odori, se abre para o K-pop, para os jovens cosplayers e para a comunidade que se reúne em torno do curso de japonês.

Muito além da arrecadação, o festival cria pertencimento aos alunos e demais participantes. De crianças a idosos, todos encontram no CIL um espaço de convivência, aprendizado e celebração. É por isso que, ano após ano, os corredores da escola se enchem de cores, sabores, sons e histórias.

Se depender da força da comunidade, o Nihon Matsuri seguirá crescendo e reafirmando, no coração do Gama, os laços de amizade que unem Brasil e Japão há mais de um século.

a prática vai além de um espetáculo: é um elo espiritual e social.

O Koharu se reúne semanalmente às terças-feiras, a partir das 13h, na Sociedade Cultural Nipo-Brasileira Bunkyo, em Taguatinga (DF). Além dos ensaios, os encontros também são utilizados como momentos de confraternização entre as dançarinas. “A prática tem papel importante na vida social das integrantes, a maioria acima dos 60 anos”, expressou Kiyomi ao

Correio da Manhã.

O ponto alto da noite veio com as equipes tradicionais de música do Japão - já esperados pelos público do festival. Assim, o encerramento ficou a cargo dos grupos Matsuri Daiko (RKMD) e Kishouraku Daiko, que levaram ao palco uma performance de Taikô. A mistura de música e dança, guiada pelo som dos tambores japoneses, manteve todos atentos do início ao fim. A potência da percussão, aliada